



## “A ROSA DE VERSALHES”: USO DO MANGÁ COMO COMPLEMENTO NO ENSINO DA REVOLUÇÃO FRANCESA E PAPÉIS DE GÊNERO EM SALA DE AULA

*“The Rose of Versailles”: Using manga as a complement in teaching the French Revolution and gender roles in the classroom*

*“La Rosa de Versalles”: Usando manga como complemento para la enseñanza de la Revolución Francesa y roles de género en el aula”*

Anna Luiza Diniz Felipe<sup>1</sup>  
Michele Delbon Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo investiga o uso do mangá *A Rosa de Versalhes* (1972) no ensino da Revolução Francesa e no questionamento de gênero em sala de aula, visando tornar o ensino mais dinâmico e significativo. Para Vygotsky, a ludicidade é essencial na aprendizagem, proporcionando um ambiente onde alunos exploram conceitos complexos de forma interativa. O mangá contextualiza eventos históricos com personagens cativantes, abordando a vida na corte de Luís XVI e Maria Antonieta, e facilita discussões sobre identidade e papéis de gênero com a personagem Oscar. A leitura em grupos promove discussões colaborativas, aumentando o engajamento dos alunos, gerando maior ludicidade no aprendizado, permitindo uma absorção natural e prazerosa de conhecimentos históricos e reflexões críticas sobre gênero.

**Palavras-chave:** Mangá. Revolução francesa. A Rosa de Versalhes. Gênero. História.

**Abstract:** This paper investigates the use of “The Rose of Versailles” manga in teaching the French Revolution and questioning gender roles in the classroom, in order to make teaching more dynamic and meaningful. For Vygotsky, playfulness is essential in learning, providing an environment where students explore complex concepts in an interactive way. The manga contextualizes historical events with captivating characters, addressing life at the court of Louis XVI and Marie Antoinette, and facilitates discussions about identity and gender roles through Oscar. Reading in groups promotes collaborative discussions, increasing student engagement, generating greater entertainment in learning, allowing a natural and pleasurable absorption of historical knowledge and critical reflections on gender.

<sup>1</sup>Pós-graduada em Língua Portuguesa, UNIFEOB, São João da Boa Vista, São Paulo, Brasil. E-mail: annadiniz@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5746247054732116>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5668-8698>.

<sup>2</sup>Mestre em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: micheledelbon@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8016259400285266>, Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3994-2500>.

**Keywords:** Manga. French revolution. The Rose of Versailles. Gender. History.

**Resumen:** Este artículo investiga el uso del manga La Rosa de Versalles en la enseñanza de la Revolución Francesa y el cuestionamiento de los roles de género en el aula, con el fin de hacer la enseñanza más dinámica y significativa. Para Vygotsky, lo lúdico es esencial en el aprendizaje, ya que proporciona un entorno en el que los alumnos exploran conceptos complejos de forma interactiva. El manga contextualiza los acontecimientos históricos con personajes cautivadores, abordando la vida en la corte de Luis XVI y María Antonieta, y facilita los debates sobre la identidad y los roles de género a través de Oscar. La lectura en grupo promueve las discusiones colaborativas, aumentando el compromiso de los estudiantes, generando un mayor entretenimiento en el aprendizaje, permitiendo una absorción natural y placentera del conocimiento histórico y de las reflexiones críticas sobre el género.

**Palabras clave:** Manga. Revolución Francesa. La Rosa de Versalles. Género. Historia.

## Introdução

O uso de mídias de apoio está cada vez mais presente nas salas de aula, sejam elas físicas ou virtuais, como observado durante os períodos de pandemia. Essas mídias representam recursos adicionais aos quais o professor pode recorrer para auxiliar na compreensão dos alunos.

Com tantas inovações tecnológicas sendo utilizadas como facilitadoras do ensino, tais como lousa digital, tablets, vídeos, jogos, entre outros, é surpreendente que as histórias em quadrinhos ainda sejam pouco integradas na rotina escolar. Os quadrinhos enfrentam preconceito tanto por parte dos estudiosos da literatura quanto das equipes pedagógicas, apesar de serem capazes de proporcionar um recurso visual e uma leitura simplificada, mas não menos profunda, do que os livros tradicionais.

A utilização de quadrinhos e mangás, de um modo geral, desempenha um papel fundamental na educação regular, proporcionando uma abordagem de aprendizagem divertida e envolvente. Esta ferramenta educacional combina texto e imagens, facilitando a compreensão de conceitos complexos e estimulando a imaginação dos alunos. Além disso, os quadrinhos podem estimular o interesse pela leitura, melhorar as habilidades de interpretação e estimular a criatividade. A sua utilização nas escolas promove uma aprendizagem mais dinâmica e interativa, respondendo às diferentes necessidades e estilos de aprendizagem dos alunos. A inclusão dos quadrinhos no currículo escolar não só enriquece a experiência educacional, mas também torna o processo de aprendizagem mais inclusivo e acessível.

Sustenta-se a importância dessa discussão em sala de aula para os alunos do ensino médio, utilizando como referências diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que lhes permitem perceber as linguagens verbais e não-verbais presentes nos animes e mangás, para que possam compreender essas produções como expressões de determinadas afirmações e ideologias sobre determinado fenômeno social. Conforme Santos e Sawada (2020, p. 39):

Estas orientações sugerem que a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, incluindo as teorias, conceitos e metodologias das áreas de Sociologia, Filosofia, Geografia e História, devem propiciar a estes estudantes a desnaturalização e problematização das condições de vida em sociedade. Da mesma forma propõe abordar estas condições enquanto construídas a partir das relações e interações sociais com outros indivíduos.

Em um contexto escolar onde os alunos precisam conhecer vários movimentos literários e de transformação social, e ler diversas obras clássicas, ao mesmo tempo em que estudam para outras matérias ao longo de dois semestres, obras longas e interessantes frequentemente não podem ser lidas e discutidas adequadamente em sala de aula, por exemplo.

Logo, como continuar com o modelo tradicional de ensino, que sempre se mostrou frágil, se você tem uma estrutura política que busca 'desfazer' a História, busca criar uma narrativa de aceitação das falas da elite e, com isso, acaba desestruturando o sistema de ensino, considerando que os alunos são parte da sociedade e estão sujeitos a esse tipo de discurso? Aqui se mostram necessárias, então, a criação de novas abordagens para cativar esses alunos, torná-los conhecedores da História, incentivando a pesquisa e o pensamento crítico (JESUS, 2021, p. 36-37).

Em linhas gerais, pretende-se, com este artigo, apresentar uma proposta de uso do mangá *A Rosa de Versailles* nas aulas de História o 8º ano do Ensino Fundamental ou 2º ano do Ensino Médio, visando complementar o ensino e aprendizagem dos fatos ocorridos durante o período mais conturbado da Revolução Francesa no século XVIII, durante o reinado de Luís XVI, o período napoleônico os efeitos econômicos, políticos e sociais.

Muito além de apenas de analisar os fatores que contribuíram para a deflagração da Revolução Francesa, os anseios dos revolucionários e seus desdobramentos, pretende-se elaborar uma discussão sobre as camadas sociais evidentes na época, bem como os papéis de gênero que acabam se entrelaçando com o conceito de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, mote da Revolução.

## Os mangás como ferramenta para as aulas de humanidades

### *Um breve histórico dos mangás*

Os quadrinhos japoneses, conhecidos como mangás, destacam-se por seu estilo de desenho característico, marcado por traços expressivos, especialmente os olhos desproporcionais em relação ao restante do rosto.

No Japão, o hábito de leitura de mangás está profundamente enraizado na vida dos indivíduos, desde a fase de alfabetização escolar até o desenvolvimento da carreira profissional. Através dos mangás, os japoneses aprendem a ler, escrever, cozinhar, e compreendem diversos aspectos da cultura japonesa e do mundo global.

Esse hábito está profundamente enraizado na cultura japonesa. De acordo com Yoro Takeshi, diretor executivo do Museu Internacional de Mangá de Kyoto, em artigo para a revista *Nippon* (2010, p.8), “o mangá já é parte da cultura japonesa desde o período Heian (794-1185), quando a leitura dos ideogramas on-yomi e kun-yomi se desenvolveu” (*apud* BORGES, 2016, p.21). No Japão, há uma produção de mangás destinada a diversos perfis de público, cada um voltado para uma demografia específica: existem mangás para homens e mulheres de diferentes idades, sendo com eles que as crianças aprendem ideogramas, aspectos culturais, sociais etc. Esses mangás possuem características marcantes de seus gêneros. Por exemplo, os mangás voltados para o público feminino frequentemente abordam conflitos interpessoais, amores não correspondidos e romances que superam barreiras e tabus sociais.

Uma característica distintiva do mangá é o seu estilo de desenho. Os personagens são frequentemente representados com olhos grandes e desproporcionais em relação ao restante do rosto, que geralmente possui bocas e narizes pequenos. Os olhos, ricos em detalhes, são fundamentais para a expressão dos personagens de anime, exibindo reações e emoções exageradas como raiva, tristeza e felicidade de maneira caricatural.

Entretanto, diferentes gêneros de animação possuem estilos próprios. Por exemplo, o estilo *shoujo*, gênero de mangá destinado ao público feminino adolescente, é caracterizado por traços mais finos e delicados, cabelos esvoaçantes, membros longos e delgados, feições suaves e detalhes como estampas em roupas e o uso de decalques de fundo, com imagens florais ou corações. O traço é mais “limpo” e os personagens são mais detalhados. Já o estilo *shounen*, gênero de mangá destinado ao público masculino adolescente, apresenta traços mais grossos,

uso de hachuras e linhas de movimento, ausência de detalhes intrincados, com personagens musculosos e menos detalhes nos cabelos e nas roupas.

O estilo narrativo dos animes e mangás foi estabelecido por Osamu Tezuka, considerado o "deus do mangá" por sua habilidade em combinar produção artística e comercial. Inspirado pelos desenhos da Disney e pelos filmes de Chaplin, Tezuka começou a desenhar ainda criança. Sua técnica, inspirada no cinema clássico, é amplamente utilizada por desenhistas contemporâneos, e seu traço influenciou o mangá, criando o estilo de desenho que conhecemos atualmente: olhos grandes e expressivos, corpos esguios, cabelos coloridos, bocas e narizes pequenos (BORGES, 2008, p.32).

O uso dos mangás para aprendizado é tão enraizado na cultura japonesa que a editora Shueisha possui uma série intitulada *Learning Through Manga: World History*, com 18 volumes. O mais recente, lançado em abril de 2024 tem a capa ilustrada por Hirohiko Araki (*Jojo's Bizarre Adventure*) com Napoleão Bonaparte, importante figura presente no período que sucedeu a Revolução Francesa.

Para Santos e Sawada (2020) o uso dos mangás apresenta um grande potencial como ferramenta pedagógica, visto que podem ilustrar de forma atrativa conteúdos abordados em livros e aulas expositivas, possibilitando a discussão de contextos históricos e sociopolíticos. É necessário desmistificar a imagem do mangá e anime como ingênuos e somente para entretenimento.

No Brasil, o mangá foi introduzido de maneira sutil através da importação feita por imigrantes japoneses que desejavam manter contato com sua cultura de origem. Nas primeiras décadas do século XX, volumes e séries variadas de quadrinhos japoneses começaram a aparecer lentamente nos sebos. Em 1984, foi fundada a Abrademi (Associação Brasileira de Desenhistas de Mangás e Ilustrações), seguida pelo surgimento de outros clubes e associações de apreciadores de mangás no Brasil. Com o tempo, começaram a ser lançados quadrinhos feitos por fãs que imitavam a linguagem gráfica dos mangás, conhecidos como fanzines. Esse mercado emergente começou a se consolidar e preparou o terreno para o fenômeno dos animes no Brasil, iniciado com a exibição de *Cavaleiros do Zodíaco* pela extinta Rede Manchete em 1994.

A popularidade desse anime, termo que se refere às animações japonesas, incentivou a

veiculação de outros animes na televisão brasileira. Consequentemente, surgiram diversas revistas especializadas para atender ao crescente interesse do público infanto-juvenil, o que fomentou ainda mais o interesse pelos mangás. Embora a primeira tentativa de publicação de mangás no Brasil tenha sido discreta, com “Ranma ½” da editora Animangá em 1998, em 2001, as editoras JBC e Conrad começaram a publicar mangás traduzidos para o português, mas em formato japonês, onde a leitura é feita da direita para a esquerda.

Atualmente, “as publicações de mangá no Brasil ocupam praticamente metade da venda de HQs e os índices continuam subindo” (VASCONCELLOS, 2006, p. 24). Os quadrinhos japoneses tornaram-se tão populares que publicações como “Turma da Mônica Jovem” e “Luluzinha Teen” adotaram o estilo de traço dos mangás para narrar as histórias desses personagens conhecidos em sua adolescência, comprovando a influência e inserção dos mangás na cultura brasileira contemporânea.

Para Luyten (2005), mangás romperam a barreira linguística e cultural no Ocidente graças às traduções e são uma excelente fonte de informação e cultura. Diante disso, professores de diferentes áreas podem utilizar adaptações de livros em mangás, pois as imagens ajudam os alunos a visualizar o que é descrito, a leitura torna-se mais dinâmica e breve, e os quadrinhos japoneses podem despertar curiosidade, paixão ou maior aceitação das obras clássicas entre os alunos.

A editora LPM, por exemplo, traz obras clássicas com adaptações para mangá que podem ser utilizadas em matérias como história, filosofia, língua inglesa, por exemplo, uma vez que sua coleção conta com títulos como *A Metamorfose* de Franz Kafka, *O Contrato Social* de Jean-Jacques Rousseau, *Manifesto do Partido Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels, releituras de *Hamlet* e *Romeu e Julieta* de William Shakespeare, entre outros. Estes títulos apresentam grande fidelidade às obras originais, exceto aqueles identificados como releituras. A decisão de utilizá-los ou não em sala de aula cabe ao professor, uma vez que este trabalho apresenta diferentes maneiras de integrar esses mangás nas atividades escolares.

Apesar do alto grau de fidelidade, é importante lembrar que se tratam de adaptações da obra original para outra mídia, assim como um filme. Portanto, as similaridades e diferenças devem ser previamente elencadas pelo professor, que decidirá como trabalhar essas nuances.

Vale ressaltar que essas adaptações não perderam sua complexidade; pelo contrário, leituras filosóficas densas e confusas foram simplificadas, facilitando a compreensão de obras clássicas que exigem leitura, reflexão e discussão. Dessa forma, essas obras, tradicionalmente consideradas de difícil leitura, tornam-se mais acessíveis aos alunos do ensino fundamental e médio, que precisam dividir seu tempo entre leitura e estudos.

Destas obras adaptadas para uso em sala de aula se destaca aquela que consta no título deste trabalho: *A Rosa de Versalhes*. Além deste mangá, há vários outros que tratam de temas históricos, e que podem ser abordados nas aulas desta disciplina. Para elencar alguns deles: Rurouni Kenshin (Fim do Xogunato/Era Meiji), Vagabond (Xogunato), Vinland Saga (Era Viking), Gen - Pés Descalços (Bomba atômica e fim da Segunda Guerra Mundial).

#### *Fundamentos para a aplicação dos mangás em sala de aula*

Conforme Vergueiro (2010), a eficácia da introdução das histórias em quadrinhos em sala de aula responde aos questionamentos e pré-concepções do pensamento que critica o uso desta mídia. De acordo com o autor, principais as razões são de que os alunos têm interesse em ler quadrinhos; a combinação de palavras e imagens proporciona um ensino mais eficaz; as histórias em quadrinhos contêm um alto volume de informações, tanto verbais quanto não-verbais; a familiaridade com HQs enriquece as formas de comunicação; elas ajudam a desenvolver o hábito da leitura; ampliam o vocabulário dos estudantes; a linguagem dos quadrinhos incentiva o leitor a pensar e imaginar; possuem um caráter integrador e podem ser utilizadas em qualquer nível escolar e na abordagem de qualquer tema.

O processo de ensino-aprendizagem compreende um conjunto de ações pedagógicas que, direta ou indiretamente, influenciam no desenvolvimento do aluno (NASCIMENTO e AMARAL, 2012). São, portanto, muitas as consequências positivas no uso dos mangás para o aprendizado, visto que esta prática explora a criatividade, constituindo avanços no processo de ensino-aprendizagem, e por extensão, melhora na autoestima do aluno.

Chaguri (2006), afirma que materiais e atividades lúdicas (do latim *ludus*: brincadeiras, jogos de regras, recreação), como HQs e mangás empregados com o objetivo de atrair o interesse do educando auxiliam a transformar o processo de ensino dentro da sala de aula, criando um clima de entusiasmo através de uma atividade prazerosa e com esforço espontâneo, características da atividade lúdica por excelência.

O lúdico trabalha principalmente com os sentimentos que envolvem o desenvolvimento da aprendizagem: as emoções, empatia, o estímulo, a interatividade, a espontaneidade em poder apresentar ideias e não ser reprimido pelos outros devido à criação de um ambiente seguro. Antônio e Tavares (2013) defendem que não há conhecimento sem emoção.

Ainda neste âmbito, discutir e abordar as características dos personagens, sobretudo as sociais, psicológicas e emocionais é de grande valia para o aprendizado, pois é com elas que ocorre a identificação dos alunos e é quando o conhecimento perpassa o sentir. Nas palavras da escritora Conceição Evaristo (2021), durante o 3º Congresso LIV Virtual:

A emoção nos constitui. E acho que segurar as emoções ou não poder viver as emoções nos embrutece. No momento em que as atenções das escolas começam a se voltar cada vez mais para o aspecto socioemocional, entender o espaço que os sentimentos ocupam no cotidiano escolar é fundamental.

Desta maneira, discussões suscitadas pelos dilemas internos dos personagens, seus medos e conflitos, à luz da iminência da Revolução Francesa, narram a história de um ponto de vista pessoal, e não apenas histórico. Em suma, as ações pertinentes às metodologias ativas empregadas em sala de aula serão implementadas para que um evento histórico de grande importância seja não apenas aprendido, mas adquirido através do sentimento, empatia e catarse exposta pelas personagens.

### *Desafios e Potencialidades*

Nos últimos anos, principalmente no contexto pós-pandêmico, tem-se discutido amplamente na educação escolar, no ensino e na pesquisa, o uso da internet, de imagens, obras de ficção, imprensa, filmes, histórias em quadrinhos e outros tipos de gêneros textuais no desenvolvimento de diversos temas. O uso dessas mídias serve como uma opção metodológica capaz de ampliar a perspectiva do historiador, de professores e alunos, tornando o processo de produção de conhecimento mais interdisciplinar, dinâmico e flexível.

Embora os quadrinhos sejam um excelente complemento didático que pode despertar o interesse e o gosto pela leitura nos alunos, ao fugir das normas tradicionais de leitura ensinadas nas escolas, promovendo a interdisciplinaridade e a cultura, existem desafios que podem limitar seu uso. Por exemplo, é desejável que as escolas adquiram os mangás para serem trabalhados



pelos professores e disponibilizados aos alunos, mas essa prática muitas vezes não condiz com a realidade de várias instituições, sobretudo no ensino público. Além disso, muitos alunos não têm condições de adquirir os quadrinhos, limitando o professor a mostrar apenas partes em slides ou formato digital, quando a escola dispõe de equipamentos como projetores e computadores.

Esses desafios são agravados por uma onda ultraconservadora que tem se instaurado gradualmente no país, potencialmente criando obstáculos para o uso de quadrinhos japoneses em sala de aula. No entanto, apesar dessas dificuldades, as histórias em quadrinhos podem introduzir temas a serem abordados posteriormente em sala de aula a partir de outras perspectivas de ensino; podem complementar conceitos já trabalhados pelo professor ou por outros docentes, provocar debates e discussões em sala de aula, e, conforme mencionado anteriormente, atrair os alunos para o universo da leitura.

O uso do mangá como mídia para trabalhar a Revolução Francesa pode contribuir para renovar aulas de história, que muitas vezes visam apenas a memorização dos tópicos relevantes para vestibulares, como ocorre principalmente com datas e acontecimentos. Esta prática torna o estudo maçante e entediante, enquanto o mangá torna o estudo mais acessível, sem perder as características importantes da história francesa, ficando a cargo do professor destacar esses aspectos em sua preparação de aula.

Fernandes (2010) enfatiza que o processo de leitura deve incluir momentos encantadores e motivadores de aprendizagem, despertando no aluno o interesse e o gosto pela leitura de forma prazerosa, utilizando recursos e palavras familiares ao seu cotidiano. O mangá pode servir como uma ponte entre o universo do aluno e o currículo escolar, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, promovendo a interação e o contato com esses materiais, e ajudando os alunos a aprenderem a ler e compreender de fato o que estão lendo.

É relevante considerar a contribuição dessas aulas para o letramento dos alunos como consequência do consumo dessas obras. O Brasil ainda apresenta altos índices de analfabetismo funcional para um país em desenvolvimento, e a escola pode planejar estratégias para reverter esse quadro, fomentando processos que levam ao letramento. Soares (2011) discute o letramento como o desenvolvimento das habilidades de compreender e se comunicar em diversos gêneros nas relações sociais que envolvem a língua. Esses processos estão interligados, e cabe ao professor, em sua prática pedagógica, conciliar as dimensões de aprendizagem e utilizar metodologias adequadas ao ensino que contemplem todos os alunos.

O letramento prepara os indivíduos para viver na sociedade da informação, permitindo um aprendizado autônomo em diversos aspectos da vida. Essas habilidades são úteis não apenas em atividades acadêmicas e escolares, mas em todas as situações que exigem a resolução de problemas ligados à necessidade de informação.

Paulo Freire, em *A Pedagogia do Oprimido* (2011), critica metodologias que se limitam ao cumprimento estrito do planejamento, à leitura de livros e à realização de atividades de memorização. Segundo Freire, essas metodologias negligenciam a capacidade de produção do aluno, que poderia, através do estímulo à realização e participação em atividades de interação e contextualização, desenvolver a construção do conhecimento como sujeito de sua própria aprendizagem, permitindo a reflexão e a interpretação baseadas em princípios educativos e no contexto sociocultural do aluno. Freire compara os alunos a “vasilhas” que, sob tais metodologias, são preenchidas com conteúdos, acreditando-se que quanto mais cheias estiverem, melhores serão os alunos e o educador.

Nesse contexto, o olhar do professor para com o aluno nas aulas motivadas pelas adaptações da história em mangá deve ser diferente. O aluno pode discorrer sobre a obra e sua adaptação a partir de sua própria experiência de leitura, e o professor, agindo como mediador, deve proporcionar momentos de aprendizagem entre todos os envolvidos no processo de compreensão dessa obra.

#### *“A Rosa de Versalhes” e a Revolução Francesa: temas e discussões*

*A Rosa de Versalhes* (*Berusayu no Bara* no original) é um mangá de Ryoko Ikeda, publicado originalmente de 1972 a 1973 na revista “Margaret”. Este trabalho não apenas se destaca como um marco no gênero *shoujo*, gênero cujo a demografia é voltada para o público feminino e cujas narrativas orbitam em torno de garotas, conflitos amorosos, sentimentos e situações interpessoais, mas também oferece uma rica exploração de temas históricos, políticos e sociais. Ambientado na França do século XVIII, *A Rosa de Versalhes* narra a história tumultuada que antecede a Revolução Francesa. A trama central gira em torno de Oscar François de Jarjayes, uma jovem criada e nomeada como homem para suceder seu pai na guarda real. Oscar se torna capitã da guarda e se vê imersa nos intrincados jogos de poder e nas questões sociais que permeiam a corte de Luís XVI e Maria Antonieta.

A narrativa aborda a vida de Maria Antonieta, desde sua chegada à França como uma jovem delfina até sua execução. A história examina o conflito interno de Oscar entre seu dever e seus sentimentos pessoais, especialmente em relação a André Grandier, seu amigo de infância e fiel companheiro, que nutre por ela um amor profundo e não correspondido inicialmente, sendo a narrativa repleta de dualismos que refletem a própria dualidade da personagem Oscar.

Além dos personagens citados, existem personagens inspirados em pessoas reais como o conde Fersen, sueco que se torna o objeto de afeição de Maria Antonieta, adicionando camadas de drama romântico à história, e também personagens ficticiais como Rosalie Lamorlière: uma jovem de origem humilde que se cruza com Oscar e Maria Antonieta, representando o povo comum da França e suas lutas.

No Brasil, a obra foi publicada pela JBC em 2019, possuindo 5 edições encadernadas e estando completa. Além disso, antes da publicação do mangá pela JBC em 2019, entre os anos de 1993 e 1995 a Europa Filmes, sob o nome *Europinha* para o lançamento de desenhos, lançou cinco fitas VHS da *Rosa de Versalhes* com o título *Lady Oscar*. No entanto, houve uma falta de padronização nos títulos e algumas fitas sequer tinham o nome *Lady Oscar* nelas, sendo o especial chamado de *Uma Aventura Maravilhosa* e distribuído pela *Cannes Home Video* (também da Europa Filmes).

A obra de Ryoko Ikeda é amplamente reconhecida por seu impacto duradouro na indústria do mangá e anime, sendo uma das obras pioneiras a incorporar uma narrativa complexa e personagens multifacetados no gênero *shoujo*. A representação detalhada e humanizada de figuras históricas, combinada com um estilo artístico distinto, solidificou a obra como um clássico. Sua influência pode ser observada em inúmeros trabalhos subsequentes, tanto dentro quanto fora do Japão.

O mangá também é celebrado por seu tratamento progressista de temas de gênero e identidade, desafiando as normas da época e proporcionando uma perspectiva rica e empática sobre a luta pessoal e social durante um período crítico da história francesa. *A Rosa de Versalhes* permanece uma obra essencial para a compreensão do desenvolvimento do mangá *shoujo* e do impacto cultural das narrativas históricas na mídia contemporânea.

No Japão, além do teatro de mulheres Takarazuka possuir uma versão musical do mangá, os fãs de Oscar foram surpreendidos em 2 de julho de 2024 pela notícia de que um novo filme comemorativo dos 50 anos de *A Rosa de Versalhes* será lançado em 2025 pelo famoso estúdio MAPPA. Este estúdio é responsável por sucessos dos animes, tais como *Attack on Titan*,

*Yuri!!! On Ice, Jujutsu Kaisen e Vinland Saga*. A animação estará disponível na plataforma de *streaming* Crunchyroll.

Podemos notar que existem muitos materiais em quadrinhos, sobretudo os em estilo mangá, que podem ser utilizados em sala de aula afim de variar o uso do material didático e as aulas expositivas. No caso de *A Rosa de Versalhes*, por exemplo, o mangá em português pode ser utilizado em sala de aula ao invés de uma aula expositiva comum. Através da moderação do professor da matéria que deverá orientar para os alunos quais personagens são reais ou não, auxiliar os alunos a entenderem fatos históricos que levaram ao descontentamento do povo francês com a monarquia, quais fatos são reais e quais fictícios, a obra de Ryoko Ikeda é um material muito rico para o ensino, não apenas de história, mas de educação socioemocional, uma vez que os personagens, característica marcante dos mangás *shoujo*, possuem conflitos sentimentais, racionais e emocionais que os estudantes em idade adolescente também podem estar passando.

Cabe ao professor planejar atividades escolares de maneira a estabelecer a estratégia mais didática para cada faixa etária, selecionando quais clássicos da literatura em mangás utilizar e quais temas abordar, de acordo com o plano de ensino da instituição.

#### *Conflitos do mangá no contexto da Revolução*

Estuda-se em sala de aula, de acordo com o livro didático analisado (BOULOS, 2022) que o início da Revolução Francesa, no final do século XVIII se deu com base nos descontentamentos da população em relação ao regime político no qual estava inserida. A França estava dividida entre os três Estados, sendo o Primeiro formado pelo clero, o Segundo Estado formado pela nobreza e o Terceiro composto pelos trabalhadores, camponeses e a burguesia. Os pesados impostos e taxas aos quais o Terceiro Estado era submetido, os privilégios da corte absolutista e do clero e a miséria que assolava o país foram fatores cruciais no início do processo revolucionário.

Da mesma forma, a ação principal da história gira em torno da crescente compreensão de Oscar sobre como a França é governada e sobre a situação dos pobres do país, classe social representada por sua amiga, Rosalie Lamorlière. Quando Antonieta começa um caso com o conde sueco Axel von Fersen, um personagem baseado no militar homônimo real (Estocolmo, 1755 – 1810) o relacionamento deles se torna objeto de fofocas e escândalos em toda a França,

e a reputação de Antonieta é prejudicada, tanto por questões políticas quanto concepções de gênero, que detalharemos a seguir. Depois que von Fersen deixa a Europa para lutar na Guerra Revolucionária Americana, uma perturbada Antonieta começa a esbanjar com jóias e roupas para se distrair de sua ausência. Os seus gastos relacionados à vida luxuosa mergulham a França em dívidas, enquanto o Caso do Colar de Diamantes e as maquinações da Duquesa de Polignac, também baseada em uma personalidade histórica (Paris, 1749 - Viena, 1793) agravam ainda mais o sentimento público em relação à monarquia.

À medida que a revolução se intensifica, Oscar não consegue ignorar o sofrimento do público francês e deixa a Guarda Real para se juntar à Guarda Francesa. André morre lutando ao lado de Oscar com os revolucionários e a Guarda Francesa durante um conflito com os militares; A própria Oscar morre no dia seguinte, liderando os revolucionários durante a batalha da Tomada da Bastilha. Algum tempo depois, Antonieta e a família real são feitas prisioneiras pelos revolucionários. Depois de ser julgada pelo Tribunal Revolucionário, Antonieta é condenada à morte na guilhotina.

Podemos ver pelo enredo e a relação do desenrolar da história do mangá e seu paralelo com os acontecimentos reais da Revolução que há muitos tópicos que podem suscitar discussões em sala de aula, nos campos políticos, sociais, e, assim como o foco deste trabalho, questões de gênero.

### *Problemas de gênero e o conflito de Oscar*

A personagem Oscar já é, por si só, um problema na narrativa: nascida mulher e com várias irmãs, seu pai, que ansiava por um sucessor, a nomeia de Oscar e a cria como um garoto, na esperança que Oscar um dia tome seu posto e torne-se seu sucessor como guarda real.

Em uma primeira impressão, a um leitor desavisado, Oscar pode ser confundida com um personagem masculino. Seus traços, ainda que andróginos, podem ser facilmente confundidos com os de um herói de mangá *shoujo*, sobretudo para os leitores mais experientes.

Temos aqui uma personagem feminina, com nome masculino, que se porta como um homem e goza das liberdades que apenas este papel masculino pode lhe proporcionar, mas que ao mesmo tempo não abre mão totalmente de seu lado feminino e que em determinado momento se apaixona pelo amante de Maria Antonieta, sendo ao mesmo tempo o amor não correspondido de seu amigo de infância, André. Ou seja, temos como do mangá uma protagonista que pode ser considerada *queer*, algo que certamente não passará despercebidamente pelos estudantes.

O termo *queer* possui múltiplas camadas de significado e é utilizado de maneira variada em diferentes contextos. Originalmente, *queer* era uma gíria pejorativa em inglês, usada para descrever não apenas pessoas que não se conformavam às normas heterossexuais e de gênero, mas aquelas que não estavam de acordo com a “normalidade”, o que incluía mães solteiras, devedores, entre outros. A teoria *queer* começou a se consolidar na década de 1990, especialmente com a publicação de *Problemas de Gênero* (Gender Trouble) por Judith Butler em 1990. Este desenvolvimento decorre de uma trajetória que teve início com um seminário denominado *queer*, termo cunhado nos anos 1980 por Teresa de Lauretis, escritora e professora de História da Consciência na Universidade da Califórnia. De Lauretis foi pioneira ao conceituar “Tecnologias de Gênero”, compreendidas aqui como as técnicas que aprendemos desde cedo para ser homem ou mulher.

Paul B. Preciado, filósofo e escritor contemporâneo, argumenta que as tecnologias de gênero resistem à normalização e frequentemente falham, resultando em incorporações desviantes. Preciado também sustenta que o desenvolvimento do *queer* representa um aprofundamento reflexivo do feminismo, transgredindo seus pilares tanto teóricos quanto políticos, sendo a teoria *queer* uma forma de mimese desviada ou paródia de gênero que distorce os códigos de significação dominante (PRECIADO, 2014, p.23).

A teoria *queer* argumenta que tanto a orientação sexual quanto a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos resultam de um constructo social. Dessa forma, não há papéis sexuais intrinsecamente ou biologicamente determinados, mas sim formas variáveis, influenciadas pelo contexto social, de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

Esta teoria também procura explicitar e analisar esses processos a partir da perspectiva daqueles que são socialmente estigmatizados, focando na formação de identidades sociais que desviam da norma e nos processos que definem desejos considerados legítimos ou ilegítimos. Assim, há um interesse particular em estudar a travestilidade, a transgeneridade e a intersexualidade, bem como outras culturas sexuais não-hegemônicas que subvertem ou rompem com normas socialmente prescritas de comportamento sexual e amoroso.

De acordo com Lanz (2015), existem múltiplos significados embutidos e naturalizados no termo “sexo”. Três desses significados são analisados no presente estudo: sexo biológico, gênero e orientação sexual.

O primeiro significado geralmente associado ao termo “sexo” refere-se ao sexo biológico, definido pelos órgãos genitais: macho para indivíduos com pênis e fêmea para aqueles com vagina. Outros indicadores biológicos incluem características sexuais secundárias, como barba nos machos e seios nas fêmeas, processos fisiológicos como lactação e menstruação, e a herança genética, com cromossomos XX nas mulheres e XY nos homens.

O segundo significado relevante está relacionado ao gênero, que abrange o conjunto de expectativas sociais associadas às atividades de uma pessoa com base em seu sexo biológico. Isso inclui papéis, funções, atitudes e atributos políticos, econômicos e culturais que a sociedade impõe a indivíduos com base em sua condição biológica de macho ou fêmea.

Através da instituição do gênero, a sociedade apropria-se das categorias anatômicas naturais de macho e fêmea, criando as correspondentes categorias sociais de homem e mulher, ou ainda, masculina e feminina. Esta prática é tão profundamente naturalizada nas relações e práticas sociais diárias que as categorias sociais de homem e mulher são amplamente aceitas como absolutamente naturais.

Joan Scott, historiadora e teórica feminista, destaca a importância do conceito de gênero como uma categoria de análise política e histórica. Scott (1989, p.73) rejeita o determinismo biológico como fonte da divisão entre homens e mulheres, enfatizando a natureza sociopolítica e cultural dos papéis e funções atribuídos a esses grupos em diferentes sociedades e épocas.

Letícia Lanz, psicanalista e socióloga, em seu livro “O Corpo da Roupa”, define gênero como uma instituição jurídica de natureza social, política e cultural, baseada no sexo genital para naturalizar papéis e normas de conduta impostas compulsoriamente às pessoas. As normas de gênero regulam todas as dimensões da vida cotidiana, configurando o dispositivo binário de gênero, um conjunto de normas de regulação e controle baseado em estereótipos e expectativas sociais associadas às identidades masculinas e femininas (LANZ, 2015, p.24).

Judith Butler problematiza o conceito de gênero, seguindo a desconstrução de Jacques Derrida e expandindo o pensamento de Foucault sobre a relação entre sujeito, poder e sexo. Para Butler, o gênero não é algo que a pessoa é, mas algo que a pessoa faz—a performance de atos repetidos que constroem e sustentam as noções de gênero (BUTLER, 1999, p.28). Esta performance é compulsória e normativa, criando a ilusão de um núcleo estável de gênero, que na verdade é uma ficção sustentada por repetição estilizada de atos.

A noção de gênero binário atua como uma função reguladora do poder, naturalizando categorias hegemônicas e excluindo outras identidades. No entanto, o dispositivo de gênero, ao

instalar a norma, também pode desestabilizá-la, permitindo a desconstrução das categorias binárias. O termo não-binário descreve identidades de gênero que não se encaixam nos padrões binários de masculino e feminino. Exemplos incluem agênero, que denota ausência de gênero, e bigênero, que envolve a coexistência de dois gêneros simultaneamente. Pessoas não-binárias são sempre transgêneras, pois desafiam a binariedade de gênero.

Letícia Lanz argumenta que, embora o termo não-binário possa ser contraditório, uma vez que gênero é binário por definição social, a matriz cultural de inteligibilidade só reconhece homem e mulher. Mesmo que uma pessoa não se encaixe perfeitamente em nenhuma dessas categorias, a referência social e cultural permanece binária, legitimando apenas as identidades de homem e mulher.

Notamos que em *A Rosa de Versalhes*, Oscar é uma mulher que se identifica como mulher, mostra-se heterossexual, porém, ainda assim, é vista como *queer* ao se vestir e se comportar como homem. Por ser mulher ocupando o posto de capitão da guarda, ela precisa o tempo todo provar sua autoridade. Aqui, faz-se necessário explicar os conceitos de homem e mulher, feminino e masculino, binariedade e não binariedade e hetero e homossexualidade aos alunos conforme questões sobre este assunto forem surgindo entre os estudantes.

Estes problemas de gênero e dualidade na qual a personagem Oscar se encontra é apenas parte de seus questionamentos, uma vez que a personagem vive sempre entre “dois mundos diferentes”, como ficar dividida entre ser militar e mulher, uma vez que a personagem gostaria de ser uma mulher da corte e viver seus amores intensamente, mas sabe que isso a faria abrir mão de liberdades que só possui por estar em uma posição masculina, o triângulo amoroso com o amante de Maria Antonieta, o não entendimento dos próprios sentimentos em relação ao seu empregado e amigo de infância que a ama. Além disso, conforme a revolução se aproxima, notamos também que Oscar fica dividida entre sua lealdade à coroa e os seus desejos por um país justo. Estes conflitos podem servir como objeto de debate entre os alunos, servindo para que os mesmos encontrem nas argumentações dos colegas ou em sua própria, soluções para conflitos semelhantes ao que estejam passando naquele momento, usando os personagens como espelhos de si mesmos.

Neste momento, apesar de termos uma protagonista do sexo feminino, seu estereótipo tipicamente masculino pode ajudar que os estudantes homens também consigam se identificar com Oscar, talvez não no sentido de identificação com um determinado sexo, mas no sentido



de também com expectativas paternas em relação ao seu futuro, por exemplo. Uma vez que os mangás *shoujo* são bastante focados em sentimentos, é necessário que o professor esteja pronto para orientar os alunos não apenas com os questionamentos do mangá, mas também os seus próprios. Neste sentido, a fim de que os estudantes entendam como a Revolução Francesa foi pouco a pouco tornando-se necessária para o povo, o professor deve fazer questionamentos de como os alunos se sentiriam naquela situação em que o povo francês estava, ou como eles lidariam com aqueles problemas tendo idades próximas a do rei e da rainha, comentando seus medos, dilemas internos e conflitos, temas que são enfatizados no mangá de modo a narrar uma ótica pessoal e não apenas histórica, gerando identificação tanto com a realeza inexperiente e manipulada tanto com a população pobre e faminta.

Cabe novamente ao professor identificar o interesse dos alunos e guia-los a um debate, por exemplo, ou incentivar que os mesmos discutam estes pontos em seus grupos de trabalho.

## **Metodologia**

A metodologia para se trabalhar aulas complementares de História com o mangá *A Rosa de Versailles* deve estar consonante com os planos de aula do docente no que se relaciona à contextualização da habilidade EF08HI04 prevista na BNCC (identificar e relacionar os processos da Revolução Francesa e seus desdobramentos na Europa e no mundo).

Abordamos o assunto através de um texto base, sendo ele apostila, livro didático, ou material previamente preparado. Será realizada a explicação do material pelos professores, logo após uma explanação com o auxílio do *data show* ou similar para fixar o assunto na temática “A Revolução Francesa e o Período Napoleônico”, de forma que o aluno possa compreender as transformações desse período da história da França no século XVIII. Como a habilidade deve ser desenvolvida ao longo de todo o ano, você observará que ela não será contemplada em sua totalidade aqui e que as propostas podem ter continuidade em aulas subsequentes.

Assim que ambientados em relação ao assunto principal das aulas, o professor passará a introduzir *A Rosa de Versalhes*, disponibilizando para os alunos o mangá, seja na versão física ou digitalizada para uso exclusivo didático, para que se inteirem da obra antes das aulas reservadas para as ações de leitura e discussão e demais ações pedagógicas selecionadas de acordo com a turma.

## *Sequência didática*

Para orientar docentes que desejam inserir o mangá em suas aulas como complemento para o ensino e discussões acerca do período que compreende a Revolução Francesa no final do século XVIII, preparamos a seguinte sequência didática, acrescida de um esquema geral de plano de aula e sugestões de aplicação das mídias de *A Rosa de Versalhes*.

1) Exposição do conteúdo sobre a Revolução Francesa. Aulas: Quantas aulas forem necessárias, de acordo com o material adotado e realidade da sala. Segue abaixo modelo de plano de aula:

**Quadro 1** - Exemplo de plano de aula

<b>Escola:</b>	
<b>Professor:</b>	<b>Disciplina:</b>
<b>Período:</b>	<b>Série:</b>
<b>TEMA</b>	Revolução Francesa e período Napoleônico ( <b>EF08HI04</b> )
<b>Quantidade h/a</b>	
<b>OBJETIVO GERAL</b>	Ensinar aos alunos do 8o ano (EF) ou 2º ano (EM) os fatos ocorridos durante o período mais conturbado da Revolução Francesa no século XVIII durante o reinado de Luís XVI e o período napoleônico os efeitos econômicos, políticos e sociais.
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</b>	Analisar os fatores que contribuíram para o estopim da revolução francesa. Compreender os motivos da insatisfação da população francesa; Proporcionar uma reflexão ao conceito de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, proposto na revolução. Contextualizar a influência de Napoleão, com sua ascensão no exército francês. Identificar as características que marcaram a Revolução Francesa.
<b>RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS:</b>	Livro didático de História ou apostila, Data show, explicação da aula em vídeo ou Powerpoint.

<b>AValiação</b>	(A ser detalhado a seguir)
------------------	----------------------------

Fonte: Elaborado pelas autoras.

- 2) Apresentação do mangá *A Rosa de Versalhes* (versão física ou digital).
- 3) Resumo do enredo e acontecimentos com leitura de capítulos de relevância para as aulas.
- 4) Fornecer o material aos alunos (mangás físicos ou envio de links ou arquivos onde o aluno possa ler a obra para a aula marcada para se equipar de informação). Se o professor eventualmente estiver de posse da versão animada, e houver tempo hábil, pode exibir um episódio que julgar relevante.
- 5) Requisitar pesquisas sobre o tema a ser abordado (Ex.: Revolução Francesa e a participação das mulheres; Terceiro Estado x Monarquia e Clero, etc.) e relacioná-los com os acontecimentos do mangá
- 6) Execução das propostas das Metodologias Ativas e Propostas Interdisciplinares)

#### *Metodologias ativas e propostas interdisciplinares*

Quando pensamos no aluno dos tempos atuais, a conhecida “geração Z”, surge a necessidade de inovar nas práticas pedagógicas para além das tradicionais. José Morán (2015, p. 17), estudioso das metodologias ativas, estabelece que

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que eles sejam criativos, precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa.

A seguir, elencamos uma série de atividades que empregam metodologias ativas envolvendo a interdisciplinaridade, para a construção do conhecimento sobre o tema abordado de forma efetiva:

- Produção de fanfics (Literatura)
- Produção de jornais e fanzines (Artes e Produção de Texto)
- Teatro (Artes e Literatura)
- Leituras coletivas e troca de mangás entre grupos de trabalho (Biblioteca e sala de leitura)

- Debates e júris simulados sobre papéis de gênero, sistemas de governo (monarquia, república e o povo, etc.) (História, Sociologia, Atualidades, etc.)

Diversos questionamentos e dualidades do mangá podem ser trabalhados juntamente com as matérias que trabalham com as competências socioemocionais, por exemplo:

- Servir aos governantes ou ao povo?
- Agir como homem e ter liberdade ou como mulher e viver um amor?
- Inocência ou Incompetência
- Luz e sombras
- Feminino e masculino
- Deveres ou Vontades

Além das habilidades cognitivas, é necessário lidar com as habilidades socioemocionais, que se relacionam com processos de ordem interpessoal, como trabalhar em equipe, resolver conflitos, lidar com emoções e outras questões. Assim, as habilidades socioemocionais permitem lidar com as próprias emoções e com os sentimentos dos outros, a fim de construir relacionamentos saudáveis, resolver conflitos de forma construtiva e a tomar decisões responsáveis.

Quanto aos questionamentos acerca dos papéis de gênero em *A Rosa de Versalhes*, podemos citar algumas sugestões para nortear os debates:

- Desejos conflitantes de sua “vida dupla” como militar e como mulher;
- Triângulo amoroso com o amante de Maria Antonieta;
- Conflitos com seu empregado e amigo de infância que está apaixonado por ela e não é correspondido;
- Dividida entre sua lealdade à coroa e seus desejos por um país justo;
- A personagem gostaria de ser uma mulher da corte e viver seus amores intensamente, mas sabe que isso a faria abrir mão de liberdades que só possui por estar em uma posição masculina.

Faz-se necessário lembrar que o professor responsável deverá mediar os debates com responsabilidade, uma vez que as discussões podem se tornar acaloradas, tendo em vista que haverá posicionamentos conflitantes. É importante estabelecer regras muito claras quanto a alternâncias entre argumentações, réplicas e tréplicas, e, se preciso for, atribuir penalizações aos participantes exaltados.

## *Avaliação*

Uma vez selecionadas metodologias ativas para abordar um assunto, uma avaliação feita de perguntas e respostas do modo tradicional deixa de ser adequada para se ter um panorama do aprendizado e dos progressos dos alunos.

A avaliação poderá ser feita através do acompanhamento dos grupos de trabalho, de suas pesquisas e empenhos nas atividades e de questionários que mirem em resultados qualitativos.

É pertinente destacar mais uma vez que os planos de aula apresentados são apenas sugestões, oferecendo ideias de como utilizar uma ferramenta diferenciada em sala de aula. Esses planos podem ser adaptados conforme as necessidades específicas de cada turma ou grupo de alunos. A avaliação, nesse contexto, pode ser realizada de diversas formas.

A participação do aluno no desenvolvimento dessas atividades é fundamental, assim como a sua inclusão no processo de avaliação. Quando o aluno não é envolvido na elaboração desse processo, cria-se a percepção de que ele é apenas um observador no processo de ensino e aprendizagem, como apontam Nascimento e Amaral (2012). No ensino tradicional, as interações socioeducativas que os alunos promovem, e que são cruciais para seu desenvolvimento cognitivo, geralmente não são consideradas.

Segundo Luckesi (2002, p.23), a avaliação da aprendizagem “não deve e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos”. Em vez disso, ela deve ser inclusiva, dinâmica e construtiva. Portanto, as propostas apresentadas neste artigo sugerem momentos durante as aulas em que professores e alunos possam dialogar e trocar ideias, partindo das concepções e dúvidas trazidas pelos próprios educandos. É essencial que o aluno se sinta parte integrante da atividade, e não apenas um espectador que assiste a uma apresentação e estuda o conteúdo com base em uma nota como moeda de troca.

Desta forma, propõe-se uma avaliação do processo e do produto final, sendo este mais lúdico do que apenas uma prova ou um trabalho escrito. Também poderá ser feita com outros professores, se decidido que o trabalho será interdisciplinar.

## **Considerações finais**

Conforme apresentamos neste trabalho, faz-se necessário que o debate de gênero, principalmente no âmbito escolar, seja despido de seus estigmas e o ensino de História não seja

apresentado apenas de uma maneira maçante, restrita a nomes, datas e concepções restritas aos interesses das classes dominantes.

Esperamos que, através deste trabalho, educadores em busca de novas perspectivas para suas práticas pedagógicas no ensino de Humanidades encontrem em nossas sugestões maneiras de facilitar e contextualizar o conteúdo. Também desejamos que, ao utilizar este material, mais professores, especialmente aqueles que se identificam com a “cultura nerd” e as animações japonesas, sintam-se motivados a compartilhar esses interesses com os alunos por meio de materiais contextualizados em sala de aula. Isso está alinhado com as sólidas bases teóricas que aqui apresentamos. Muitos alunos carecem de exemplos em seu círculo de relações próximas, fora do mundo virtual, de adultos que continuam a cultivar seus hobbies e paixões, como os mangás e animes.

O trabalho apresenta potencial para ser uma base para diversas práticas educacionais relacionadas ao tema mangá como ferramenta pedagógica, a fim de incentivar o uso dos mangás em sala de aula e vencer a estereotipação desta mídia que pode ser muito bem aplicada em sala e adaptadas em diversos conteúdos, contribuindo na educação de crianças e jovens, disseminando novas experiências culturais e contribuindo no desenvolvimento social e educacional dos alunos.

## Referências

- AMARAL, E. M. R. do. NASCIMENTO, J. M. de; **O papel das interações sociais e de atividades propostas para o ensino-aprendizagem de conceitos químicos.** *Ciência & Educação*, v. 18, n. 3, p. 575-592, 2012.
- ANTÔNIO, S.; TAVARES, K. **Uma pedagogia poética para as crianças.** Americana, SP: Adonis, 2013.
- BARBOSA, A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2013.
- BORGES, P. M. **Traços ideogramáticos na linguagem dos animês.** São Paulo: Via Lettera, 2008.
- BOULOS, A. Jr. **A revolução Francesa e a Guerra Napoleônica** in *História, Sociedade e Cidadania*. cap 4, p. 57-66, São Paulo FTD, 2022
- BUTLER, J. **Bodies that matter.** New York: Routledge, 1993.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, [2018]. Disponível em: . Acesso em: 27 maio 2021.
- CALZAVARA, R, B.; SANFELICI, A. de M. **Avaliação na aula de literatura: a coerência docente entre suas perspectivas e práticas**. Paraná, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/download/28030/pdf/>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- CASTRO, B. **Um dos melhores animes da década de 1970 e que revolucionou os mangás ganhará remake pelo MAPPA**. Disponível em: <https://br.ign.com/anime/126375/news/um-dos-melhores-animes-da-decada-de-1970-e-que-revolucionou-os-mangas-ganhara-remake-pelo-mappa>. Acesso em 04 ago. 2024.
- CARVALHO, D. **A educação está no gibi**. Campinas, SP: Papyrus, 2006
- CHAGURI, J de P. **O uso de Atividades Lúdicas no processo de Ensino/Aprendizagem de Espanhol como Língua Estrangeira para aprendizes brasileiros**. Unicamp. Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/u00004.htm>>, acesso em outubro de 2022.
- COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. Editora Contexto, v. 3, 2011.
- DERRIDA, J. **Força de lei: o fundamento místico da autoridade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DERRIDA, J. **Heidegger et la question: De l'esprit, Différence sexuelle, différence ontologique (Geschlecht I), La main de Heidegger (Geschlecht II)**. Editions Flammarion, 2010.
- DERRIDA, J. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- EVARISTO, C. ‘**A gente só aprende realmente aquilo que sente**’. 3º Congresso LIV Virtual. Revista Online Porvir. Disponível em <https://porvir.org/a-gente-so-aprende-realmente-aquilo-que-sente/> acesso em setembro de 2022,
- FERNANDES, M. **Os segredos da alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FOULCAULT, M. **História da sexualidade 1: avontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- JAPÃO, Quartel-General dos mangás. Nippon, Rio de Janeiro, n.04, 15/03/2010.
- JESUS, M. H. S -- **Uso de mangás no ensino de história: Gen pés descalços e a segunda guerra mundial**, disponível em [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/17842/2/Mary\\_Hellen\\_Silva\\_Jesus.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/17842/2/Mary_Hellen_Silva_Jesus.pdf)
- LANZ, L. **O corpo da roupa - A pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero** (2a.edição). Curitiba: Transgente, 2015.
- LEAHY-DIOS, C. **Educação literária como metáfora social**. Niterói: Eduff. 2000.
- LIV Virtual, 24 de agosto de 2021. Disponível em: <https://porvir.org/a-gente-so-aprende-realmente-aquilo-que-sente/#:~:text=Participantes%20da%20conversa%20%22Sentir%20%C3%A9,citou%20a%20escritora%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Evaristo>, acesso em 21 mar. 2024.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 16-28.

- LUYTEN, S. **Cultura pop japonesa: mangá e animê**. São Paulo: Hedra, 2005.
- LUYTEN, S. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Hedra, 2001.
- MORAIS, F.; SILVA, M. A. L. **Mangá e anime no ensino das artes visuais: o desenho nipônico como ferramenta didática de formação pessoal e social**. Caderno Intersaberes: Curitiba, 2021.
- MORÁN, J. **Mudando a Educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf). Acessado em: 06 de abr. 2024.
- OLIVEIRA, I. **O uso das histórias em quadrinhos em sala de aula**. Rio de Janeiro, 2018. Monografia (Letras) - Instituto Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018.
- PRECIADO, P. B. **Manifesto Contra-Sexual**. Madrid: Opera Prima, 2014.
- SANTOS, B. N.; SAWADA, A. Contextos históricos e sociopolíticos dos mangás e animês e sua potencialidade no ensino. p. 39-47. In: BUENO, A.; CREMA, E.; NETO, J. M. **Ensino de História e Diálogos Transversais**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020.
- SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SILVA, P. A. C - A utilização de jogos e mangás no ensino de história <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20114/1/UtilizacaoJogosMangas.pdf>
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- TAKESHI, Y. O japonês e o mangá. **Revista Nippon - Especial: Japão, Quartel-General dos Mangás**. Rio de Janeiro, n.04, p. 8-13, março de 2010. Disponível em: [https://www.belem.br.emb-japan.go.jp/pt/img\\_nippon/nipponweb4.pdf](https://www.belem.br.emb-japan.go.jp/pt/img_nippon/nipponweb4.pdf), acesso em 07 de out. de 2023.
- VASCONCELLOS, P. V.F. **Mangá-Dô, os caminhos das histórias em quadrinhos japonesas**. Dissertação (Mestrado em Artes e Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- VERGUEIRO, W. **Uso das HQs no ensino**. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 153.65 - V631 São Paulo - SP 1991 - 4ª edição brasileira - (trad. José Cipolla Neto e outros). 2007.



---

**Recebido em:** 10 de agosto de 2024

**Aceito em:** 8 de outubro de 2024

---